

Juventude e rebeldia

aluno: Hugo dos Santos Gomes

1º semestre/2011

Roteiro de atividades didáticas

Introdução

Nesse texto, procurarei oferecer ao professor atividades didáticas para que ele possa desenvolver em sala de aula a ideia de rebeldia. Para tanto, farei um projeto baseado no bimestre do professor de sociologia de escola pública, que poderá ser modificado de acordo com o desenvolvimento do tema ao longo das aulas. Ao dizer que desenvolverei um projeto bimestral, proponho um desenvolvimento do tema em várias aulas, cada uma com duração de quarenta minutos, contendo aulas extras com assuntos que podem ou não serem abordados pelo professor. Levando em conta a dinâmica da escola pública e suas deficiências, não procurarei utilizar filmes no decorrer do tema.

Para que o assunto não se perca de uma semana para outra, as aulas devem estar interligadas entre si, cada uma com seu objetivo a ser atingido nos quarenta minutos de desenvolvimento, almejando um objetivo maior, o objetivo do bimestre e, para garantir o entendimento do aluno com relação ao tema abordado, proporei também uma pequena avaliação, a ser feita no final de cada aula. Para ajudar o aluno em suas reflexões, sugiro ao professor escrever na lousa, logo no início da aula, qual é seu objetivo do dia, guiando, assim, o aluno para o resultado que desejamos.

Atividade 1

Breve descrição:

Para essa aula, temos como objetivo trabalhar o conceito de rebeldia com os alunos. Aqui, sugiro utilizar o texto de Daniel Becker (vide bibliografia ao final), *O que é adolescência*, começando na página 40 - “A crise de identidade”, até a página 75. Para o professor, além desse texto, sugiro a introdução do texto de Túlio Cunha Rossi, disponível no link abaixo:

Ao pedir que o aluno leia o texto de Becker, procuramos aprimorar a leitura, geralmente deficitária, principalmente dos alunos da rede pública de ensino. A aula deverá ser desenvolvida em cima da comparação dos argumentos dos dois textos, deixando claro ao professor que ele poderá desenvolvê-la mesmo que o aluno não tenha conseguido apreciar as obras.

Objetivo: (des)construir o conceito de rebeldia.

Recursos Necessários:

Cópias do texto de Daniel Becker.

Dinâmica das aulas: leitura e discussão de textos

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

- Você se sente rebelde? A relação com seus pais é boa, ou há muitas discussões?
- O que você acha que é rebeldia? (essa pergunta pode nos dizer muita coisa sobre os alunos)
- A rebeldia é algo interior a cada pessoa ou é mais algo produzido pela sociedade dentro do indivíduo?

Rossi nos mostra que rebeldia é um conceito imposto socialmente. Ao mesmo tempo, ele atribui um comportamento mais contestador aos jovens, e demonstra a ideia de que é algo passageiro, ao contrário de Becker, que crê na ideia de que mudanças na sociedade são possíveis a qualquer momento da vida de uma pessoa.

- Podemos mesmo mudar nossa sociedade, independentemente da nossa idade ou vocês acham que não, que é algo passageiro? Por quê?

Atividade 2

Breve descrição:

Após esclarecer o conceito de rebeldia aos alunos, está na hora do professor começar a expor e discutir a rebeldia através dos tempos. Nessa aula, ele deverá falar sobre a Revolta Estudantil dos anos 60. Para isso, podemos nos utilizar das músicas da época, introduzindo aquilo que chamamos de músicas de protesto.

Dentre as músicas dessas décadas, o professor pode discutir três, ficando a seu critério utilizá-las ou não: *Apesar de Você* (1970) e *Cálice* (1973), de Chico Buarque e *Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones*, versão brasileira da música de origem italiana *C'era un ragazzo che come me amava i Beatles e i Rolling Stones* (1966), de Gianni Morandi, tocada por várias bandas, dentre elas, Engenheiros do Havaí.

Primeiramente, é importante observar a data de composição de cada música e saber qual era o contexto sociopolítico da época. Nas músicas de Chico Buarque, vivíamos o Brasil do tri-campeonato mundial de futebol e, principalmente, da ditadura militar. Tanto *Apesar de Você* quanto *Cálice* foram proibidas pela ditadura. Vamos analisá-las brevemente.

Apesar de Você

Hoje você é quem manda	Sem parar	E eu vou morrer de rir
Falou, tá falado		Que esse dia há de vir
Não tem discussão	Quando chegar o momento	Antes do que você pensa
A minha gente hoje anda	Esse meu sofrimento	
Falando de lado	Vou cobrar com juro, juro	Apesar de você
E olhando pro chão, viu	Todo esse amor reprimido	Amanhã há de ser
Você que inventou esse estado	Esse grito contido	Outro dia
E inventou de inventar	Este samba no escuro	Você vai ter que ver
Toda a escuridão	Você que inventou a tristeza	A manhã renascer
Você que inventou o pecado	Ora, tenha a fineza	E esbanjar poesia
Esqueceu-se de inventar	De desinventar	Como vai se explicar
O perdão	Você vai pagar e é dobrado	Vendo o céu clarear
	Cada lágrima rolada	De repente, impunemente
Apesar de você	Nesse meu penar	Como vai abafar
Amanhã há de ser		Nosso coro a cantar
Outro dia	Apesar de você	Na sua frente
Eu pergunto a você	Amanhã há de ser	
Onde vai se esconder	Outro dia	Apesar de você
Da enorme euforia	Inda pago pra ver	Amanhã há de ser
Como vai proibir	O jardim florescer	Outro dia
Quando o galo insistir	Qual você não queria	Você vai se dar mal
Em cantar	Você vai se amargar	Etc. e tal
Água nova brotando	Vendo o dia raiar	
E a gente se amando	Sem lhe pedir licença	

Há quem diga que essa música é uma alusão negativa ao ex-presidente Emílio Garrastazu Médici. Porém, Chico Buarque sustenta que não, que ela apenas é referente à situação vivida pelo país naquele momento. Apesar disso, podemos sentir grande ressentimento e, posteriormente, um sentimento de que todos os problemas serão superados – no caso, a ditadura, que poderia findar antes do esperado.

Na primeira estrofe, vemos e sentimos o clima do momento - no qual estava censurada a imprensa, sendo impossível fazer críticas ao governo - e a desconfiança de todos, tanto da classe média que, desfrutando das benesses do crescimento econômico já não simpatizava mais com o movimento estudantil, quanto dos estudantes, que tinham agentes do governo infiltrados em seu meio. As estrofes posteriores acabam por mostrar uma visão de que as coisas já estavam mudando e não havia muito o que fazer para impedir que isso acontecesse, tomando o refrão basicamente uma previsão.

Cálice

Pai, afasta de mim esse cálice	Ver emergir o monstro da lagoa
Pai, afasta de mim esse cálice	
Pai, afasta de mim esse cálice	De muito gorda a porca já não anda
De vinho tinto de sangue	De muito usada a faca já não corta
	Como é difícil, pai, abrir a porta
Como beber dessa bebida amarga	Essa palavra presa na garganta
Tragar a dor, engolir a labuta	Esse pileque homérico no mundo
Mesmo calada a boca, resta o peito	De que adianta ter boa vontade
Silêncio na cidade não se escuta	Mesmo calado o peito, resta a cuca
De que me vale ser filho da santa	Dos bêbados do centro da cidade
Melhor seria ser filho da outra	
Outra realidade menos morta	Talvez o mundo não seja pequeno
Tanta mentira, tanta força bruta	Nem seja a vida um fato consumado
Como é difícil acordar calado	Quero inventar o meu próprio pecado
Se na calada da noite eu me dano	Quero morrer do meu próprio veneno
Quero lançar um grito desumano	Quero perder de vez tua cabeça
Que é uma maneira de ser escutado	Minha cabeça perder teu juízo
Esse silêncio todo me atordoia	Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Atordoado eu permaneço atento	Me embriagar até que alguém me esqueça
Na arquibancada pra a qualquer momento	

Essa música possui um jogo de palavras capaz de confundir os menos atentos e mostra bem o que era preciso fazer para driblar a censura da ditadura militar. A MPB naquela época era um estilo de música que necessitava de metáforas para poder ser entendida e dizer aquilo que queria dizer. Com o passar dos anos, essas mesmas metáforas fizeram com que esse estilo de música fosse deixado de lado, pois muitos têm grandes dificuldades com isso.

Ao falar “Pai, afasta de mim esse cálice” e complementar com “de vinho tinto de sangue”, os autores jogaram com as palavras cálice e vinho, para parecer que falavam da bebida, ao mesmo tempo em que a palavra “sangue” nos dá uma pista diferente, ao levarmos em conta a situação que era vivida. Como podemos perceber, não se tratava então de afastar o “cálice”, mas sim o “cale-se”, a ditadura do poder, seus abusos e sua crescente violência, sentida em toda a música.

Já a música *Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones*, teve sua original criada em 1966 e fala sobre a vida de um jovem – que acaba por simbolizar a vida de milhares de jovens – que é convocado a servir na guerra do Vietnã e acaba morrendo.

Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones

Era um garoto		No Vietnã...
Que como eu	Stop! Com Rolling Stones	
Amava os Beatles	Stop! Com Beatles songs	Cabelos longos
E os Rolling Stones..	Mandado foi ao Vietnã	Não usa mais
	Lutar com vietcongs...	Nem toca a sua
Girava o mundo		Guitarra e sim
Sempre a cantar	Ratá-tá tá tá...	Um instrumento
As coisas lindas	Tatá-rá tá tá...	Que sempre dá
Da América...	Ratá-tá tá tá...	A mesma nota
	Tatá-rá tá tá...	Ra-tá-tá-tá...
Não era belo	Ratá-tá tá tá...	
Mas mesmo assim	Tatá-rá tá tá...	Não tem amigos
Havia uma garota à fim	Ratá-tá tá tá...	Nem vê garotas
Cantava Help		Só gente morta
And Ticket To Ride	Era um garoto	Caindo ao chão
Oh Lady Jane, Yesterday...	Que como eu!	Ao seu país
	Amava os Beatles	Não voltará
Cantava viva, à liberdade	E os Rolling Stones	Pois está morto
Mas uma carta sem esperar	Girava o mundo	No Vietnã...
Da sua guitarra, o separou	Mas acabou!	
Fora chamado na América...	Fazendo a guerra	Stop! Com Rolling Stones

Stop! Com Beatles songs	Ratá-tá tá tá...	Ratá-tá tá tá...
No peito um coração não há	Tatá-rá tá tá...	Tatá-rá tá tá...
Mas duas medalhas sim....	Ratá-tá tá tá...	Ratá-tá tá tá...
	Tatá-rá tá tá...	

A música tem a intenção de mostrar que a guerra, feita por políticos, acaba com a vida de muitos jovens e procura nos alarmar para a ideia de que se uma pessoa morre é uma fatalidade, mas se milhares de pessoas morrem, é apenas estatística. Uma guerra não é apenas uma nova estatística, mas sim a destruição de várias vidas, tanto dos que foram para a luta quanto dos que ficaram e perderam pessoas importantes.

Como vemos, a música de protesto não foi algo que só aconteceu no Brasil, assim como as revoltas estudantis de maio de 68, que foram notadamente analisadas na França, mas que aconteceu simultaneamente no mundo todo. Assim, se o professor quiser, pode também falar do movimento estudantil francês, assim como o latino-americano, analisando músicas de autores como Mercedes Sosa e Leon Gieco.

Objetivo: Entender que a música serve também como voz da juventude para causas sociais.

Recursos Necessários:

Um rádio e um CD com as músicas; senão, notebook com acesso à internet ou até mesmo as músicas no celular do professor.

Dinâmica das aulas: Análise de músicas e debate

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

- Qual era o momento político brasileiro na época em que as músicas foram feitas? E o mundial?
- Quem fez as músicas? Quais as bandas que fizeram sucesso na época? Qual a idade aproximada de quem fazia sucesso musical? De que camada social eles vinham?
- Qual a importância da jovem guarda para a época? Qual tipo de letras ela fazia?

Atividade 3

Breve descrição: Nessa aula, apresentaremos a personagem Mafalda, de Quino. O objetivo aqui é mostrar que existem diversos modos de contestação social. No caso, aqui apresentamos os quadrinhos. Ao mesmo tempo, temos que ressaltar que se trata de uma personagem argentina da década de 1960, para poder situar os alunos temporalmente. É importante notar o caráter universal da crítica de Quino ao falarmos da América Latina daquela época, ao conseguirmos passar para a história brasileira as várias críticas apresentadas.



(Quino, 2008. p. 278)

Mafalda é, segundo Umberto Eco, o personagem dos anos 1960, que recusa o mundo do jeito que ela o vê, pois pertence a um país repleto de contrastes sociais. Apesar de não conseguir entender muita coisa, contesta mesmo assim a guerra, o Estado e não sabe por que existem pessoas pobres, não estando na maioria das vezes satisfeita. Como podemos perceber, ela acaba por refletir as tendências de uma nova juventude, inquieta, de certo modo paradoxal, pois ela ainda é muito nova.

Como podemos ver nos dois quadrinhos acima, Quino faz um jogo de palavras, dando o nome da pequena menina de liberdade e fazendo uma alusão ao momento político em que a Argentina – e podemos dizer, a América Latina como um todo – passava, com um regime militar ditatorial. O cartunista utilizou-se muitas vezes dessa pequena personagem para cutucar os governantes. Podemos perceber isso ao notar Mafalda pensativa na primeira tirinha e nos

comentários dos pais dela ao conhecer a nova amiga.



(Quino, 2008, p. 333)

No primeiro quadrinho aparecem dois senhores conversando sobre os velhos tempos. O primeiro diz: “Nem honestidade cívica, nem nada!”, ao passo que o segundo complementa com “hoje não há mais homens, seu Joaquim, não há mais homens!”. A continuação da tirinha é uma clara crítica dos jovens aos mais velhos, algo que ainda ocorre de certa forma em diversas sociedades, ao verem que o mundo que os mais velhos pretendiam mudar com suas revoluções – ou não, não mudaram porque não queriam (é importante perceber a multiplicidade de interpretações para essa tirinha – continua o mesmo, necessitando de mudanças.

O último quadrinho é uma resposta da juventude aos mais velhos, que quer as mudanças, na economia, no governo, nos costumes, etc., mostrando que eles têm sim algo a dizer.



(Quino, 2008, p. 71)

Aqui, Quino faz uma crítica à escola, ao colocar, pela fala de Mafalda no último quadrinho, que quer aprender coisas realmente importantes. Ao mostrar isso, o cartunista nos faz pensar no que é realmente “importante” de se aprender e se o governo está preocupado mesmo com a qualidade do ensino. Podemos levantar a questão do ensino técnico em contraposição ao ensino universitário, por exemplo.



(Quino, 2008, p. 215)

Aqui, o cartunista faz alusão às diversas guerras que o mundo está passando e,



notadamente, à Guerra do Vietnã.

(Quino, 2008, p. 244)

Apesar de ser uma tirinha argentina, podemos perceber que há muita coisa em comum com o momento vivido pelo Brasil naquela época. Poderíamos atribuir a fala do senhor no primeiro quadrinho à classe média brasileira, que, em meados da década de 1970, começou a desfrutar do crescimento econômico e, ao mesmo tempo, começou a deixar de apoiar as manifestações populares contra o regime militar. É essa observação que faz Mafalda ao ver o tamanho do cassetete do soldado, pensando que, ao mesmo tempo em que a economia cresce, cresce também a truculência com que o governo trata as manifestações e as opiniões divergentes.

Objetivo: Perceber que existem diversos meios de contestação da realidade social.

Recursos Necessários:

Cópias dos quadrinhos para distribuir aos alunos.

Dinâmica das aulas: Análise dos quadrinhos e debate.

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

- Quais outros meios de oposição podemos realizar além dos quadrinhos?
- Mafalda mostra uma “nova” juventude, que surgia na década de 1960. O que aconteceu com esses jovens?
- A juventude de hoje é diferente da juventude de ontem? Tem anseios diferentes?

Procure conhecer mais a personagem Mafalda, assim como seus amigos, que demonstram, cada um, um aspecto de uma sociedade com diversos interesses, muitas vezes conflitantes.

Atividade 4

Breve descrição: Continuando a expor a rebeldia da juventude das décadas de 60 e 70, é a hora de falar um pouco da luta armada, fazendo com que o aluno possa sentir como era o clima e a tensão da época. Para isso, sugiro a leitura do relato que Paulo Sérgio do Carmo faz em seu livro, e que foi transcrita no trabalho anterior, que começa na página 10.

Durante a leitura do relato de Carmo, pode-se exibir fotos dos vários movimentos de estudantes, para que o aluno perceba o que pode realizar enquanto cidadão capaz de refletir sobre a sua própria realidade.



Movimento Estudantil – Maio de 68



Encarta Encyclopedia, Bettmann/Corbis

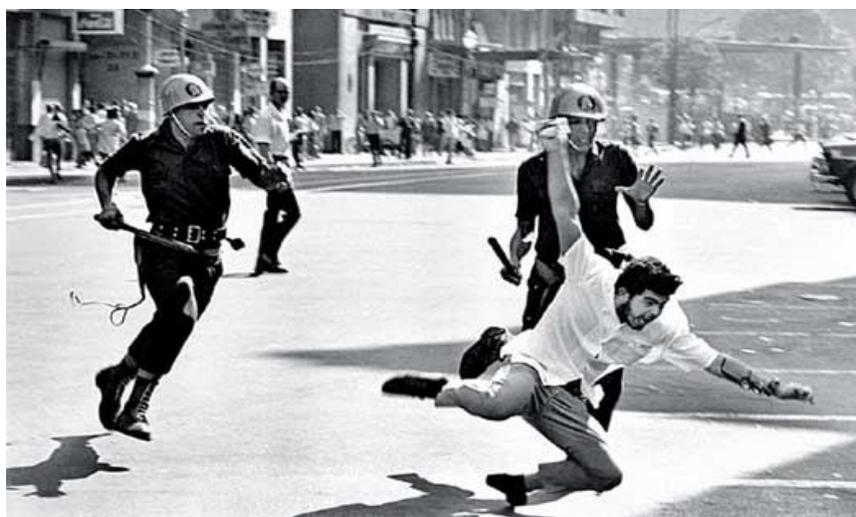
Movimento estudantil Francês – Maio de 68



Pichação contra a ditadura: mais tarde, a pichação viria a se tornar uma das vozes da periferia



Discurso estudantil contra a ditadura brasileira



Estudante contra a ditadura é perseguido por militares



Estudantes se reúnem contra o regime militar

Objetivo: Entender a importância da luta armada para os estudantes da década de 1970.

Recursos Necessários:

Cópia com as fotos a serem passadas aos alunos ou notebook e projetor. O professor poderá pesquisar outras fotos, colocando também fotos de movimentos estudantis mais recentes.

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

- Quais os motivos que levaram os estudantes a se manifestarem e realizarem sequestros?
Por que eles eram contra o regime militar?
- Quais as principais atitudes que os militares tomaram enquanto estavam no governo?
- Por que o movimento estudantil é o mais observado e estudado?
- Contra o que poderíamos nos manifestar hoje?
- Como poderíamos organizar algo?
- É possível uma marcha sem violência?

Desenvolver a ideia de não-violência e desobediência civil de Thoreau, utilizada por Gandhi, Malcolm X e Martin Luther King Jr.

Atividade 5

Breve descrição: A partir de agora, começaremos a introduzir o aluno num contexto que lhe é mais familiar. Mas, antes disso, devemos desenvolver um novo conceito que se mostra importante: o de “juventudes” no lugar de “juventude”. Como sugestão, apresento o texto de Helena Abramo, para ser lido pelo professor e o texto de Paulo Sérgio do Carmo, A Juventude Hedonista, que começa na página 165 de seu livro, que deve ser lida tanto pelo professor quanto pelos alunos.

Objetivo: Perceber que não há apenas uma, mas sim várias e diversas juventudes.

Recursos Necessários:

Cópia do texto de Paulo Sérgio do Carmo.

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

- Quais jovens eram retratados com “a” juventude nas décadas de 1960 e 1970?
- Quais jovens aparecem muito nos jornais e nos canais de TV hoje em dia?
- O que é consumismo? Como podemos diferenciar jovens ricos dos pobres?
- Existe mais de uma juventude?

Atividade 6

Breve descrição:

Depois de mostrar aos alunos a que realidade eles se inserem, é hora de inseri-los de vez na rebeldia. A partir desse momento, eles começarão a se identificar cada vez mais com aquilo que lhes é mostrado. Falemos das músicas de protesto de hoje, em comparação com as das décadas de 60 e 70.

Primeiramente, o que deve ser passado ao aluno é a diferença e as semelhanças entre as diversas músicas de protesto e sua inserção em cada época. Recomendo que se analise as letras de rap comparativamente com as letras de MPB, esclarecendo o contexto histórico, social e político em que cada tipo de música se localiza. Ao mesmo tempo, deve-se deixar claro que, assim como o samba, o rap é uma música que surgiu nas camadas mais pobres da sociedade (como teve maior sucesso no Rio de Janeiro, diz-se que o samba desceu o morro para ganhar a popularidade) e tem se tornado cada vez mais difundida no Brasil.

Porém, como música de protesto, ela tem diferenças com relação à MPB. A maior e mais perceptível diferença está na sua origem: enquanto as MPBs nasceram dentro das universidades públicas, local de predominância elitista e com letras cheias de metáforas, o rap surgiu e foi assimilado pelas camadas mais populares, tanto nos EUA quanto no Brasil, fazendo críticas diretas à sociedade, como podemos observar na letra a seguir:

Diário de Um Detento Racionais Mc's

"São Paulo, dia 1º de outubro de 1992, 8h da

manhã.

Aqui estou, mais um dia.

Sob o olhar sanguinário do vigia.

Você não sabe como é caminhar com a cabeça

na mira de

uma HK.

Estraçalha ladrão que nem papel.

Na muralha, em pé, mais um cidadão José.

Servindo o Estado, um PM bom.

Ele sabe o que eu desejo.

Sabe o que eu penso.

O dia tá chuvoso. O clima tá tenso.
Vários tentaram fugir, eu também quero.
Mas de um a cem, a minha chance é zero.
Será que Deus ouviu minha oração?
Será que o juiz aceitou apelação?
Mando um recado lá pro meu irmão:
Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão.
Ele ainda tá com aquela mina.
Pode crer, moleque é gente fina.
Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá...
Tanto faz, os dias são iguais.
Acendo um cigarro, vejo o dia passar.
Mato o tempo pra ele não me matar.
Homem é homem, mulher é mulher.
Estuprador é diferente, né?
Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés,
e sangra até morrer na rua 10.
Cada detento uma mãe, uma crença.
Cada crime uma sentença.
Cada sentença um motivo, uma história
lágrima,
sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio,
sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo.
Misture bem essa química.
Pronto: eis um novo detento
Lamentos no corredor, na cela, no pátio.
Ao redor do campo, em todos os cantos.
Mas eu conheço o sistema, meu irmão, hã...
Aqui não tem santo.
Rátátátá... preciso evitar
que um safado faça minha mãe chorar.
Minha palavra de honra me protege
pra viver no país das calças bege.
Tic, tac, ainda é 9h40.
O relógio da cadeia anda em câmera lenta.
Ratatátá, mais um metrô vai passar.
Com gente de bem, apressada, católica.

Lendo jornal, satisfeita, hipócrita.
Com raiva por dentro, a caminho do Centro.
Olhando pra cá, curiosos, é lógico.
Não, não é não, não é o zoológico
Minha vida não tem tanto valor
quanto seu celular, seu computador.
Hoje, tá difícil, não saiu o sol.
Hoje não tem visita, não tem futebol.
Alguns companheiros têm a mente mais fraca.
Não suportam o tédio, arruma quiaca.
Graças a Deus e à Virgem Maria.
Faltam só um ano, três meses e uns dias.
Tem uma cela lá em cima fechada.
Desde terça-feira ninguém abre pra nada.
Só o cheiro de morte e Pinho Sol.
Um preso se enforcou com o lençol.
Qual que foi? Quem sabe? Não conta.
la tirar mais uns seis de ponta a ponta (...)
Nada deixa um homem mais doente
Aí moleque, me diz: então, cê qué o quê?
A vaga tá lá esperando você.
Pega todos seus artigos importados.
Seu currículo no crime e limpa o rabo.
A vida bandida é sem futuro.
Sua cara fica branca desse lado do muro.
Já ouviu falar de Lúcifer?
Que veio do Inferno com moral.
Um dia... no Carandiru, não... ele é só mais um.
Comendo rango azedo com pneumonia...
Aqui tem mano de Osasco, do Jardim D'Abril,
Parelheiros,
Mogi, Jardim Brasil, Bela Vista, Jardim Angela,
Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis.
Ladrão sangue bom tem moral na quebrada.
Mas pro Estado é só um número, mais nada.
Nove pavilhões, sete mil homens.

Que custam trezentos reais por mês, cada.
Na última visita, o neguinho veio aí.
Trouxe umas frutas, Marlboro, Free...
Ligou que um pilantra lá da área voltou.
Com Kadett vermelho, placa de Salvador.
Pagando de gatão, ele xinga, ele abusa
com uma nove milímetros embaixo da blusa.
Brown: "Aí neguinho, vem cá, e os manos onde
é que tá?
Lembra desse cururu que tentou me matar?"
Blue: "Aquele puta ganso, pilantra corno manso.
Ficava muito doido e deixava a mina só.
A mina era virgem e ainda era menor.
Agora faz chupeta em troca de pó!"
Brown: "Esses papos me incomoda.
Se eu tô na rua é foda..."
Blue: "É, o mundo roda, ele pode vir pra cá."
Brown: "Não, já, já, meu processo tá aí.
Eu quero mudar, eu quero sair.
Se eu trombo esse fulano, não tem pá, não tem
pum.
E eu vou ter que assinar um cento e vinte e um."
Amanheceu com sol, dois de outubro.
Tudo funcionando, limpeza, jumbo.
De madrugada eu senti um calafrio.
Não era do vento, não era do frio.
Acertos de conta tem quase todo dia.
la ter outra logo mais, eu sabia.
Lealdade é o que todo preso tenta.
Conseguir a paz, de forma violenta.
Se um salafrário sacanear alguém,
leva ponto na cara igual Frankenstein
Fumaça na janela, tem fogo na cela.
Fudeu, foi além, se pã!, tem refém.
Na maioria, se deixou envolver

por uns cinco ou seis que não têm nada a
perder.
Dois ladrões considerados passaram a discutir.
Mas não imaginavam o que estaria por vir.
Traficantes, homicidas, estelionatários.
Uma maioria de moleque primário.
Era a brecha que o sistema queria.
Avisar o IML, chegou o grande dia.
Depende do sim ou não de um só homem.
Que prefere ser neutro pelo telefone.
Ratatatá, caviar e champanhe.
Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe!
Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo...
quem mata mais ladrão ganha medalha de
prêmio!
O ser humano é descartável no Brasil.
Como modess usado ou bombril.
Cadeia? Claro que o sistema não quis.
Esconde o que a novela não diz.
Ratatatá! sangue jorra como água.
Do ouvido, da boca e nariz.
O Senhor é meu pastor...
perdoe o que seu filho fez.
Morreu de bruços no salmo 23,
sem padre, sem repórter.
sem arma, sem socorro.
Vai pegar HIV na boca do cachorro.
Cadáveres no poço, no pátio interno.
Adolf Hitler sorri no inferno!
O Robocop do governo é frio, não sente pena.
Só ódio e ri como a hiena.
Rátátátá, Fleury e sua gangue
vão nadar numa piscina de sangue.
Mas quem vai acreditar no meu depoimento?
Dia 3 de outubro, diário de um detento."

Objetivo: Perceber o *rap* como voz dos jovens da periferia.

Recursos Necessários:

Um rádio e um CD com as músicas; se não, notebook com acesso à internet ou até mesmo as músicas no celular do professor.

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

- Qual a crítica presente na música?

Na parte “Cada sentença um motivo, uma história de lágrima, / sangue, vidas e glórias, abandono, miséria, ódio, / sofrimento, desprezo, desilusão, ação do tempo. / Misture bem essa química. / Pronto: eis um novo detento”, Mano Brown nos mostra a realidade vivida pela maioria dos detentos do país.

A pergunta que deve ser feita para a turma refletir é: por que tantos jovens ainda não entraram para o mundo da violência, vivendo uma realidade assim? Por que, numa sociedade que prega a igualdade entre os homens, os mais ricos cometem crimes e não são presos?

Atividade 7

Breve descrição: Aqui, pode-se trabalhar com a entrevista de Mano Brown ao Roda-Viva, encontrada no link abaixo:

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/470/man20brown/entrevistados/mano_brown_2007.htm

Ou com a entrevista de MV Bill, na qual pode-se falar da ligação entre o jovem da periferia e a violência, encontrada no link abaixo:

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/318/mano%20brown/entrevistados/mv_bill_2005.htm

Objetivo: Ver a juventude da periferia como existente e também necessitada de políticas públicas.

Recursos Necessários:

Cópia da entrevista a ser utilizada, com seleção das respostas mais importantes ao desenvolvimento da aula.

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

- Qual a origem social de quem fala?
- Qual sua visão de sociedade?
- Qual é o cotidiano que ele observa?
- O que ele faz para mudar o mundo? Isso dá certo? O que você faria?

Atividade 8

Breve descrição: Podemos abordar um assunto que poderá servir ao aluno como estímulo para que ele reflita mais ainda sobre a sociedade que o cerca. Nesse momento, devem ser mostradas rapidamente aos alunos as diversas faces da sociedade e os diversos modos de opressão. Sugiro usar a entrevista sobre pichadores no *Le Monde Diplomatique Brasil*, disponível no link abaixo:

<http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=531>

Objetivo: Perceber que existem diversos meios de atuar para mudar a própria realidade.

Recursos Necessários:

Cópia da entrevista, com seleção das respostas mais importantes ao desenvolvimento da aula.

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

- Por que a pichação é mal vista pela sociedade?
- A pichação é a única forma que o jovem da periferia tem de aparecer para o mundo?

Apresente aos alunos outros meios da periferia aparecer e desenvolver cultura.

Sarau do Binho: <http://saraudobinho.blogspot.com/>

Local onde diversas pessoas, entre jovens, artistas, professores, músicos etc., se encontram de segunda-feira para trocar experiências. No bar do Binho, Campo Limpo, zona sul de São Paulo.

Cooperifa: <http://cooperifa.blogspot.com/>

Cooperativa Cultural da Periferia, é onde acontece saraus e trocas culturais. É realizada no bar do Zé Batidão, no bairro de Piraporinha, às quartas-feiras, a partir das oito da noite.

Jornal Becos e Vieiras: <http://becosevuelaszs.blogspot.com/>

Jornal impresso e digital organizado por jovens do Jardim Ângela, zona sul de São Paulo.

Atividade 9

Breve descrição: O professor pode organizar uma visita coletiva ao Memorial da Resistência, localizado na estação Luz do metrô e sediado no mesmo prédio em que funcionou o DEOPS – Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo, órgão que serviu ao regime militar.

<http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca/default.aspx?mn=190&c=335&s=0>

Objetivo: Perceber que muitos lutaram para mudar o mundo, mesmo sendo minoria. Não esquecer dos erros do passado e não deixar esquecer as barbaridades cometidas, para que isso nunca mais se repita.

Recursos Necessários:

Aluguel de ônibus.

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

Procurando problematizar as informações sobre a repressão que obtiverem durante a visita, o professor poderá discutir com os alunos qual era o papel da tortura durante o governo militar, ao mesmo tempo em que poderá falar sobre a degradação do ser humano enquanto agente torturador e as consequências de diversas esferas ao torturado.

Atividade 10

Breve descrição: Proponho que o professor mostre a reportagem da Rede Globo sobre diversos protestos que acontecem – e vivem acontecendo – no Brasil. Duração total de 25 minutos.

<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2011/06/manifestantes-tomam-ruas-do-pais-em-temporada-de-protestos.html>

Objetivo: mostrar aos alunos protestos recentes, para que se percebam inseridos numa sociedade em que ainda há muito para se mudar.

Recursos Necessários: Notebook com acesso à internet e projetor para exibir a reportagem, ou acesso ao laboratório de informática da escola.

Questões que podem ser trabalhadas com a sala:

- Por que e como revolucionar costumes tão fortemente arraigados na sociedade?
- Podemos ver diversos grupos de interesse: qual a opinião de cada um deles?
- Por que permitir a marcha da maconha?

Bibliografia

ABRAMO, Helena. (2005). *Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo*. IN: Abramo, Helena e Branco, Pedro M. (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo.

BECKER, Daniel. (1985). *O que é adolescência*.

CARMO, Paulo Sérgio do. (2000). *Culturas da Rebeldia – a juventude em questão*. São Paulo. Editora SENAC.

QUINO. (2008). *Toda Mafalda*. Editora Martins Fontes.

VIEIRA, Evaldo. (1984). *O que é desobediência civil*. São Paulo. Editora Brasiliense.